

textos

O sexo dos espíritos: gênero e sexualidade no espiritismo

Célia da Graça Arribas

E

m conferência no 34º Congresso Estadual Espírita de Goiás de 2018, o médium e orador Divaldo Pereira Franco, figura bastante conhecida dentro e fora do meio espírita por sua obra mediúnica e assistencial, atraiu a atenção do público com uma fala de pouco mais de sete minutos¹. Ao ser interpelado por um jovem sobre a famigerada “ideologia de gênero”, asseverou – em tom de autoridade

¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TayWHd_chA0. Acesso em: 8/8/2018.

CÉLIA DA GRAÇA ARRIBAS é professora adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora e autora de *Afinal, espiritismo é religião?* (Alameda/Fapesp).

espírita – tratar-se de um “momento de alucinação psicológica da sociedade”. Palmas e brados foram ouvidos nesse momento, o que diz muito sobre o reconhecimento que o médium baiano tem ante a comunidade espírita. Mas não diz só isso. Nas últimas décadas, intelectuais, médiuns e lideranças espíritas têm canalizado parte considerável de suas energias na (re)construção das representações religiosas espíritas sobre gênero e sexualidade, debate em que Franco é tido como referência, tanto por suas publicações, quanto pelas frequentes palestras e entrevistas que dá ao meio espírita². Suas posições, no entanto, não são unânimes no espiritismo, e a reação dos espíritas progressistas³ nos

ajuda a perceber os conflitos e tensões que permeiam esse debate.

Os espíritas, como quaisquer agentes sociais, existem num meio social, são produtos de processos de socialização e reproduzem esses processos. A doutrina espírita é aquilo que os homens e mulheres fazem dela, portanto. Delimitar as posições e as divergências tem sido importante nesse sentido, tanto mais porque, diferentemente do catolicismo, por exemplo, no espiritismo não há uma cúpula responsável e legítima para ditar o que é ou não espiritismo. Aliás, médiuns, trabalhadores(as), intelectuais e oradores(as) não detêm autoridade inquestionável para falar em nome do espiritismo, nem mesmo instituições federativas, o que cria uma série de grupos e de posições, todas elas perfeitamente adjetivadas de espíritas e que não raras vezes conflitam entre si⁴.

Essa mesma pluralidade de visões, instituições e níveis de reconhecimento também vai estruturar o campo de debates espíritas sobre gênero e sexualidade, discussões que têm se adensado, tanto em termos de novas posições e entendimentos quanto de novos atores e atrizes, que vêm sendo desafiados(as) a (re)elaborar o discurso religioso, seja em resposta às demandas dos(as) adeptos(as)⁵, seja em resposta às

2 Seria oportuno fazer uma análise apenas das obras de Divaldo Franco, que carregam posições particulares sobre sexo e sexualidade com influência significativa no movimento espírita. A título de exemplo, cito as seguintes palestras que se encontram no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=1t485kE-mO4>; <https://www.youtube.com/watch?v=yi5BjC0Guo8>; https://www.youtube.com/watch?v=r-l_NgUKns4; <https://www.youtube.com/watch?v=6PoTEISYauY>; <https://www.youtube.com/watch?v=aGB5FGWluKE>; <https://www.youtube.com/watch?v=auo4BjcQOc8>; <https://www.youtube.com/watch?v=UuztV7nuMcA>; https://www.youtube.com/watch?v=HRCbtVt_HrE; <https://www.youtube.com/watch?v=4L4xB0bCdDc>; https://www.youtube.com/watch?v=_cFyE7UE-OM; <https://www.youtube.com/watch?v=ZArCEADfUgE>; <https://www.youtube.com/watch?v=r2tq8CeFYcl>; <https://www.youtube.com/watch?v=oAAWz6ximlg>. Acessados em 15/10/2018.

3 Em resposta a Divaldo Franco, espíritas que se auto-denominam “progressistas” – o que supõe oposição aos “conservadores” – organizaram um abaixo-assinado tornando públicas as suas divergências. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/noticia/espíritas-progressistas-responderem-a-entrevista-coletiva-de-divaldo-franco-e-haroldo-dutra>. Acesso em: 18/2/2018. Esses(as) mesmos(as) espíritas assinam o “Manifesto de espíritas progressistas por justiça, paz e democracia”, marcando sua posição política diante da recente onda conservadora após o golpe de Estado midiático-jurídico-parlamentar de 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/manifesto-de-espíritas-progressistas-por-justica-paz-e-democracia>. Acesso em: 26/9/2018.

4 Desde que o espiritismo aportou em solo brasileiro, em meados do século XIX, os espíritas clamam e pelem por sua unificação teórica, prática e institucional (Arribas, 2014).

5 O livro de Walter Barcelos, *Homossexualidade, encarnação e vida mental*, é um bom exemplo de como os intelectuais espíritas vêm atendendo às demandas dos(as) adeptos(as). Respondendo às perguntas dos internautas espíritas, o autor apresenta as visões espíritas sobre sexo, gênero e sexualidade, aliando princípios espíritas, direitos sexuais e reprodutivos e conhecimento científico.

problematizações postas pelos movimentos feministas e LGBTTI.

Para encetar uma compreensão sobre o modo como se constroem e se articulam as percepções e representações espíritas sobre sexo, gênero e sexualidade, tomo aqui como objeto privilegiado de análise os discursos de intelectuais e médiuns espíritas. Compreendidas na esteira do contexto histórico de lutas pelo reconhecimento da diversidade sexual e de gênero, as explicações espíritas, ao mesmo tempo em que buscam responder às transformações culturais específicas da modernidade, cindida nas mais diversas esferas de valor – e a esfera erótica, nesse sentido, aparece cada vez mais reflexivamente autofundada, dotada de uma legalidade própria, em palavras de Weber, ou, ainda, “a sexualidade humana como atividade específica e autônoma, com suas próprias leis, suas próprias normalidades e anormalidades”, em palavras de Foucault (Pierucci, 1998, p. 1) –, explicitam velhas tensões, porque historicamente tensa é a relação entre sexo e religião. Tensões que podem ser evidenciadas ao menos em duas direções: por um lado, por meio da constante menção à produção oitocentista de Allan Kardec, reconhecidamente de influência cristã; por outro lado, no manejo que intelectuais e médiuns operam entre princípios espíritas e discurso científico. Localizar a produção da literatura espírita em seus diferentes momentos históricos, atentando igualmente para quem as produz e para as especificidades de estilos e narrativas, me parece um primeiro passo para compreender essas tensões. Entender como o discurso religioso espírita dialoga com outros campos discursivos é o segundo passo. Neste artigo, porém, serão privilegiadas certas temáticas dentro do discurso

espírita, com foco especial em como entendem e articulam os papéis de gênero, o sexo e as relações afetivas e eróticas com base em algumas das obras da vasta produção bibliográfica dessa religião do livro que é o espiritismo (Lewgoy, 2000).

Pensando em termos típico-ideais, são constitutivos desse *corpus* espírita pelo menos dois conjuntos de obras. De um lado, as que poderíamos dizer tradicionais ou consagradas, referências constantemente acionadas nos debates do passado e do presente, entre as quais se situam as obras mediúnicas *Sexo e destino* (1963), de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira (pelo espírito André Luiz), e *Vida e sexo* (1970), de Francisco Cândido Xavier (pelo espírito Emmanuel). Publicadas entre as décadas de 1960 e 1970, num momento de efervescência dos debates sobre sexualidade humana e novos códigos de comportamento sexual, foram as primeiras que se dedicaram mais detidamente a elaborar o sexo – essa unidade artificial que agrupa elementos anatômicos, comportamentos e desejos – do ponto de vista espírita, o que inclui relacionar, entre outros fatores, mediunidade e sexo, reencarnação e sexo, livre-arbítrio e sexo, princípios éticos e sexo, relações de parentesco e sexo.

Por outro lado, há um conjunto de obras mais recentes, publicadas, sobretudo, a partir dos anos 2000 e assinadas tanto por intelectuais, preocupados em ler sob a ótica espírita as novas configurações e entendimentos sobre gênero e sexualidade, quanto por médiuns, principalmente os romances cujos(as) protagonistas experienciam relacionamentos homoafetivos. A título de exemplo, estão situadas, no primeiro subconjunto, as obras *Sexo e consciência* (2013), de Divaldo Pereira Franco, *Homossexualidade, reencarnação*

e vida mental (2014), de Walter Barcelos, *Sexo e sexualidade: visão espírita* (2015), de Regis Moreira, *Além do rosa e do azul: recortes terapêuticos sobre a homossexualidade* (2012), de Gibson Bastos, *Transsexualidade sob a ótica do espírito imortal* (2015) e *Homossexualidade sob a ótica do espírito imortal* (2012), ambos de Andrei Moreira. Nesta última obra, de certo modo exemplar de como têm sido interpretadas e articuladas temáticas relativamente recentes no meio espírita, encontramos reflexões que aliam diversidade sexual, reencarnação e conhecimento científico. Não por acaso escrito por um médico, o livro discute as definições e conceitos relativos à sexualidade que percorrem o campo médico: identidade de gênero e orientação sexual, o que inclui falar de hetero, homo e bissexualidade, assexualidade, travestis, transexuais e intersexos. Traz o ponto de vista e as contribuições da psicologia, da psiquiatria, da psicanálise e das ciências biológicas, apresentando pesquisas e análises hormonais, genéticas, anatômicas e cognitivas.

No segundo subconjunto da literatura mais recente localizam-se, entre outras, as obras mediúnicas *Sexo e obsessão* (2003), de Divaldo Pereira Franco (pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda), e *Mediunidade e sexualidade* (2012), de Carlos Baccelli (pelo espírito Odilon Fernandes); e os romances mediúnicos *Faz parte do meu show* (2010), de Robson Pinheiro (pelo espírito Ângelo Inácio), *Um amor diferente* (2012), de João Alberto Teodoro (pelo espírito Leonel), *O preço de ser diferente* (2004) e *De frente com a verdade* (2010), de Mônica de Castro (pelo espírito Leonel), *O bem e o mal* (2003), de Wanda Canutti (pelo espírito Eça de Queirós), *Mais forte*

do que nunca (2011), de Eliana Machado Coelho (pelo espírito Schellinda), *Uma outra história de amor* (2011), de Flávio Lopes (pelo espírito Emmanuel), e *A última chance* (2008), de Marcelo Cezar (pelo espírito Marco Aurélio). Importante frisar que essas são apenas algumas das obras que compõem um *corpus* certamente mais amplo, ao qual se juntam, adensando as discussões, produções audiovisuais e publicações virtuais, veiculadas em *sites*, *blogs*, redes sociais e canais do YouTube.

Mesmo contando com certa diversidade de estilos, tipos de autoridade e de posicionamentos, nos debates espíritas sobre sexo e sexualidade o corpo teórico-doutrinário elaborado por Allan Kardec é acionado constantemente. Ao lado dele, há também um conjunto de obras brasileiras que costuma ser referência, na medida em que aliam princípios religiosos espíritas e conhecimento científico – aspecto estruturante do espiritismo kardecista que se compreende ao mesmo tempo como religião, ciência e filosofia. Refiro-me aqui a *Missionários da luz* (1945), *No mundo maior* (1947) e *Ação e reação* (1957), de Francisco Cândido Xavier, não por acaso ditadas pelo espírito de um médico, André Luiz.

O SEXO DOS ESPÍRITOS

Quando Allan Kardec estava “codificando” a doutrina espírita, o movimento feminista vivia o que se convencionou chamar de primeira onda, momento que se consolidou em torno da luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, principalmente o direito político de votar e ser votada. No *Livro dos espíritos* – organizado na forma

de perguntas feitas por Kardec e respondidas pelos espíritos (1.019 perguntas) – aparece explicitamente a proposta do sufrágio universal. Assim perguntava Kardec: “Uma legislação, para ser perfeitamente justa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher?”. Respondem os espíritos:

“Dos direitos, sim; das funções, não. Preciso é que cada um esteja no lugar que lhe compete. Ocupe-se do exterior o homem e do interior a mulher, cada um de acordo com a sua aptidão. A lei humana, para ser equitativa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher. [...] Os sexos, além disso, só existem na organização física. Visto que os Espíritos podem encarnar num e noutro, sob esse aspecto nenhuma diferença há entre eles. Devem, por conseguinte, gozar dos mesmos direitos” (Kardec, 2001, p. 275).

Se em relação aos direitos o espiritismo vem desde suas origens pregando a igualdade, em consonância com o pensamento liberal burguês em Kardec (Aubrée & Laplantine, 1990), no que toca aos papéis ou funções socialmente associadas à mulher e ao homem o arranjo é bem distinto. Mesmo partindo da premissa de que os espíritos não têm sexo, porque, segundo a teoria reencarnacionista, os espíritos encarnam ora em corpos de homem, ora em corpos de mulher, a depender das provas que precisam passar (Kardec, 2001, p. 112, perguntas nº 200, 201 e 202), estar “no lugar que lhe compete” significava, em outras palavras, que o espaço público deve ser habitado por homens e o espaço privado, reservado às mulheres. Isso é colocado por meio do recurso, frequente no espiritismo, ao discurso biologicista, que

entende existir uma conexão direta entre elementos anatômicos, comportamentos, sensações e prazeres, e que olha para a fragilidade física do corpo feminino como causa “natural” que direciona as mulheres aos “trabalhos leves” – leiam-se os trabalhos domésticos e o cuidado dos(as) filhos(as) e da família –, ao passo que ao homem, “por ser o mais forte”, estão destinados os “trabalhos rudes” (Kardec, 2001, p. 274, pergunta nº 819). Mesmo tendo havido mudanças reconhecidamente significativas nas relações de gênero, ocorridas em setores antes eminentemente masculinos – mercado profissional, escolarização e participação política – a visão kardecista oitocentista dissemina-se na produção atual, agora com contornos mais marcantes de cientificidade, contando com o acionamento das explicações psicológicas. Walter Barcelos, em *Homossexualidade, reencarnação e vida mental*, a partir de excertos das obras de Francisco Cândido Xavier/André Luiz, disserta sobre como o espírito adquire características psíquicas masculinas ou femininas “que determinam a conduta, a emoção, o afeto, os desejos” (Barcelos, 2005, p. 43):

“Encarnado em CORPO DE HOMEM, o espírito [...] desenvolveu mais que as mulheres as potencialidades psíquicas: inteligência, ciência, filosofia, política, fortaleza, comando, dominação, intrepidez, astúcia, perspicácia. O corpo físico não dá qualidades automáticas ao espírito, mas somente oferece as funções para o espírito executar na existência humana.

Encarnado em CORPO DE MULHER, o espírito [...] desenvolveu mais do que o homem as potencialidades psíquicas: sensibilidade, delicadeza, afeto, proteção, dedicação,

devotamento, carinho, humildade, renúncia, amor” (Barcelos, 2005, p. 46).

Feminilidade e masculinidade são vistos como polaridades que se complementam – tema tratado por Divaldo Franco em suas diversas obras – e a passagem pelos diferentes corpos, que, para grande parte das(os) espíritas, constitui a psique do espírito encarnado, é entendida como experiência necessária para o desenvolvimento espiritual. Essas mesmas representações vão incidir na divisão sexual do trabalho espírita, sobretudo nos centros, espaços privilegiados da produção e reprodução do *ethos* espírita. Trabalhos intelectuais e cargos administrativos tendem a ser exercidos em sua maioria por homens, enquanto a evangelização de crianças e jovens, os trabalhos nas cantinas, livrarias, secretaria, limpeza e acolhimento têm uma presença feminina marcante.

Em se tratando de uma doutrina em que o saber letrado e a formação erudita são características da práxis espírita, que valoriza a leitura e o estudo (Arribas, 2010; Cavalcanti, 1983; Lewgoy, 2000; Stoll, 2003), basicamente dois caminhos, embora não excludentes, são percorridos tanto para adquirir quanto, principalmente, para produzir o conhecimento doutrinário: a literatura autoral – em síntese, as exegeses das obras de Kardec e as obras de intelectuais espíritas – e os romances mediúnicos, cujo caráter marcante é de edificação moral (Lewgoy, 2004, p. 56) e exemplaridade (Stoll, 2003, p. 104). As disposições socialmente inculcadas – e que reforçam as fontes de autoridades no espiritismo – fazem com que uma pretensa racionalidade masculina leve os homens a percorrerem com mais facilidade o primeiro caminho, enquanto a sensibilidade feminina

conduziria as mulheres ao segundo percurso (Bradbury, 2015, pp. 68-112). É interessante notar que grande parte das mulheres que detêm certo reconhecimento na (re)construção do saber espírita assina, no mais das vezes, produções mediúnicas – associadas à sensibilidade e sensibilidade –, ao passo que os homens são mais numerosos na produção autoral/intelectual.

As representações espíritas de gênero também orquestram uma leitura específica sobre família, lugar sancionado de encontro e de divisão dos sexos, que inclui um conjunto de regras que governam a sexualidade. Se a produção espírita contemporânea vem relativizando a ideia de família, criando espaços para se pensar arranjos familiares com base em relacionamentos homoafetivos, por exemplo, isso se dá justamente no diálogo direto com a concepção tradicional e historicamente aceita: casal heterossexual, monogâmico, responsável pelo cuidado dos(as) filhos(as). Em outras palavras, ao homem associa-se o papel de pai de família, provedor econômico e moral do lar, e à mulher, as funções de dona de casa, mãe terna e protetora dos(as) filhos(as) (Kardec, 2001, p. 259, pergunta nº 773). Interessante apontar aqui para o viés racial e de classe dessa produção espírita oitocentista francesa e também contemporânea. Ao historicizar a ascensão do culto à maternidade e à feminilidade no século XIX, como um subproduto da industrialização, Angela Davis (2016) discute como este culto legitimou a clivagem provocada pelo capitalismo industrial entre economia doméstica e economia pública. Clivagem que enfatizou o papel das mulheres – brancas e burguesas – como sexo frágil, mães, protetoras e donas de casa, circunscritas ao espaço doméstico, definido

doravante como não produtivo. As mulheres negras, desde a escravidão – vistas como “reprodutoras” e não como “mães” – até a ascensão do trabalho livre, nunca foram reconhecidas como “sexo frágil” ou “donas de casa”, tampouco o eram as trabalhadoras; nesse mesmo sistema, os homens negros não podiam aspirar à função de “chefes” ou “provedores da família”.

Por sinal, o ideal monogâmico, seja nas relações heterossexuais ou homossexuais, aparece no discurso espírita, do passado e do presente, nos termos de um evolucionismo social que identifica a poligamia como ponto de partida e a monogamia como ponto de chegada (Kardec, 2001, p. 243, pergunta nº 701; Xavier, 2001, p. 26; Moreira, 2016, p. 210). Tratada como “governo e administração no campo sexual” (Xavier, 2008, p. 86), a monogamia é um regime da sexualidade e do desejo ao qual se vincula um conjunto mais amplo de normas espíritas sobre o sexo.

A relação sexual é entendida como um instante de transmissão de energias “das mais profundas, semelhante a uma aplicação de passe” (Franco, 2015, p. 15), energias sexuais criativas e potentes, porque portadoras do poder criador da vida, e por isso mesmo devem ser submetidas a uma regulamentação. O prazer sexual não é censurado entre os(as) espíritas, tampouco a prática sexual se limita à reprodução. O que se condena, mais explicitamente falando, é o sexo casual, ou o sexo pelo sexo, ponto de encontro do conflito inevitável e irredutível que se instala entre sexo e religião. E a religião espírita, como quaisquer outras religiões eticamente estruturadas, vai produzir um sistema de sentidos, inculcando nos(as) seguidores(as) um hábito duradouro assegurador de sua salvação.

Em síntese, aparecem no discurso espírita três maneiras de se empregar a energia sexual: por instinto, por sensação e por sentimento, ordem que estabelece a visão de um processo evolutivo, típico do pensamento reencarnacionista espírita (Xavier, 2001, p. 101). O sexo espiritualmente aceito se assenta sob três princípios: afetividade, discernimento e responsabilidade – bases da sexualidade saudável.

“À medida que a individualidade evolui, no entanto, passa a compreender que a energia sexual envolve o impositivo de *discernimento e responsabilidade* em sua aplicação, e que, por isso mesmo, deve estar controlada por valores morais que lhe garantam o emprego digno, seja na criação de *formas físicas*, asseguradora da *família*, ou na criação de *obras beneméritas* da sensibilidade e da cultura para a reprodução e extensão do progresso e da experiência, da beleza e do amor, na evolução e burilamento da vida no Planeta” (Xavier, 2001, p. 26, grifos meus).

A energia sexual não se restringe apenas à criação de corpos; ela é também uma força capaz de produzir obras beneméritas e artísticas. Pois se o sexo responsável e o prazer com discernimento são vistos positivamente, a capacidade de canalizar as energias sexuais pode significar uma qualidade – ainda mais desejável – de pureza e elevação moral, num discurso que, no limite, compreende o sexo como potencialmente carregado de mácula. Não por acaso, a castidade e o celibato aparecem nas entrelinhas como signo de elevação espiritual (Kardec, 2001, p. 242, pergunta nº 698). A propósito, quando se fala em au-

toridade espírita, é importante incluir em seus fundamentos, para além da posição social e dos diversos tipos de capitais em jogo, também a sexualidade. Nesse sentido, Chico Xavier e Divaldo Franco têm, entre outras variáveis igualmente importantes, sua autoridade fundamentada na escolha de vida que fizeram pelo celibato, ou ao menos por aparecerem como sujeitos que canalizam suas energias sexuais na forma de obras mediúnicas e assistenciais. A ausência de vida sexual ativa lhes confere maior legitimidade na medida em que os “bons” usos da energia sexual funcionam como fator preponderante do reconhecimento das qualidades morais e espirituais dos sujeitos⁶.

Controlar as energias sexuais é controlar uma força capaz de gerar corpos, mas também obras beneméritas, artísticas e mediúnicas, razão pela qual os fenômenos mediúnicos se inserem na ordem da sexualidade, tanto assim que quando se fala em vida sexual desregrada, do ponto de vista espírita, entendem-na como resultado de processos obsessivos, em que espíritos “menos evoluídos moralmente” importunam espíritos encarnados. “Em face disso, aqueles que pretendem exercer de forma saudável a sua faculdade mediúnica devem cultivar a educação sexual e afetiva” (Franco, 2015, p. 16). Aliás, é importante assinalar que dentre as decorrências do “desgoverno” das energias sexuais reside uma das possíveis explicações espíritas sobre as causas da homossexualidade.

6 Franco, em palestra sobre sublimação sexual, fala claramente de suas escolhas: “[...] eu sou solteiro, sem nenhum conflito, porque disciplinei a mente desde cedo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZArCEADfUgE>. Acesso em: 15/9/2018.

O SEXO PARA OS(AS) ESPÍRITAS

A questão das sexualidades humanas – colocada na segunda onda do movimento feminista e tributária dos debates desenvolvidos ao longo do século XX, em que Foucault é referência inegável – e, mais especificamente falando, da homossexualidade, aparece na obra de Kardec através de uma breve referência às supostas “anomalias” que permanecem no espírito⁷. O tema, entretanto, passou a ter espaço nas décadas de 1960 e 1970, momento de contestação dos códigos tradicionais de comportamento relativos à sexualidade humana e aos relacionamentos interpessoais – afinal, era preciso responder espiritamente às novas demandas –, e recebeu novos contornos a partir dos anos 2000 – com o desenvolvimento da terceira onda feminista, marcada pela interpretação pós-estruturalista do gênero e da sexualidade, notadamente a teoria *queer* –, trazendo à luz da doutrina reflexões inéditas como a transexualidade⁸ e a discussão que dissocia sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual.

7 “Mudando de sexo, sob essa impressão e em sua nova encarnação, poderá [o espírito] conservar os gostos, as inclinações e o caráter inerentes ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes que se notam no caráter de certos homens e de certas mulheres” (*Revista Espírita*, jan./1866).

8 Embora seja um tema controverso e carregado de tabus sociais entre os espíritas, a transexualidade vem recebendo cada vez mais atenção, como é o caso do médico espírita Andrei Moreira em sua obra *Transexualidade sob a ótica do espírito imortal*, que buscou abordar a temática com “seriedade científica, além de apresentar uma visão espírita inclusiva que, compreendida, iria questionar o modelo teórico predominante de interpretação espírita da homoafetividade, propondo reflexões novas”. Disponível em <http://bvespirita.com/Folha%20Espirita%20-%202017%20-%20Setembro.pdf>. Acesso em: 21/10/2018.

Em princípio, as explicações espíritas sobre diversidade sexual olham para a heterossexualidade, a homossexualidade e a bissexualidade a partir da reencarnação e da imortalidade do espírito, que ao longo de suas existências vai acumulando aprendizados diversos. Portanto, as várias experiências sexuais são necessárias e constitutivas do próprio processo evolutivo. Entretanto, ao olhar especificamente para as representações da homossexualidade, vista aqui como um *termômetro* para se pensar as tensões dos dispositivos espíritas da sexualidade, é interessante destacar algumas nuances.

Não há consenso, mas há tendências no espiritismo quando se trata de falar da homossexualidade e da bissexualidade. De antemão, o pensamento heteronormativo rege a doutrina espírita. Não se dispensam as mesmas energias para explicar as causas da heterossexualidade, compreendida, ao fim e ao cabo, como natural e a-histórica, tanto quanto se dispensam para explicar as causas da bissexualidade e da homossexualidade. Para este último caso, em específico, são acionadas ao menos cinco explicações, compartilhadas por uma parcela significativa de intelectuais, médiuns, lideranças e adeptos(as), do passado e do presente. A homossexualidade pode ser:

“(1) consequência do reflexo mental e emocional condicionado na vivência no mesmo sexo por muitas reencarnações; (2) condição facilitadora da execução espiritual; (3) situação provacional e expiatória decorrente do abuso das faculdades genésicas e do sentimento alheio; (4) reflexo mental condicionado decorrente de situações obsessivas; e (5) condição reativa

decorrente do processo educacional atual e/ou traumas infantoadolescentes”⁹ (Guimarães, 2018, p. 57).

Se, por um lado, entre as possíveis causas da homossexualidade está o necessário acúmulo de experiências à evolução do espírito, ou também aparece como decorrência da mudança brusca de corpo na presente encarnação, após várias existências num mesmo corpo com pênis ou com vagina (note-se: sempre de orientação heterossexual), desse ponto de vista a experiência da homossexualidade é vista, espiritamente falando, de modo positivo; por outro lado, a homossexualidade pode ser sinônimo de distúrbio espiritual, fruto do uso “desequilibrado” das energias sexuais, quando então ela aparece como “prova”, “resgate” ou “expição”. Entendida tanto como consequência da ação de espíritos obsessores quanto desencadeada por traumas, a homossexualidade assim compreendida aparece revestida de um caráter patológico expressando espécie de desvio – embora Andrei Moreira, em específico, e também outros intelectuais espíritas explicitem sua preocupação em despatologizá-la, em consonância com o discurso médico, frequentemente acionado¹⁰.

9 *Um amor diferente*, romance mediúnico de João Alberto Teodoro, conta a história de Flávio e Guilherme, um casal homossexual. Ambos, na infância, foram abusados sexualmente, o que teria sido fator decisivo, dentro da narrativa, para o florescimento da homossexualidade.

10 As posições espíritas, que abraçam explicitamente as mudanças ocorridas no âmbito médico e da psicologia, estão em acordo com as posturas da Associação Americana de Psiquiatria, da Associação Americana de Psicologia, do Conselho Federal de Psicologia e da Organização Mundial da Saúde, que, em 1973, 1975, 1985 e 1990, respectivamente, desvinculam a orientação homossexual da ideia de enfermidade.

“A homossexualidade pode ser desencadeada ou influenciada por um processo obsessivo. Existem muitos casos de obsessão sexual em que o indivíduo é arrastado para um relacionamento com alguém da sua mesma polaridade física. O adversário desencarnado, que foi profundamente lesado pela sua vítima de agora, induz este indivíduo a um relacionamento homossexual que é angustiante para ele” (Franco, 2015, p. 142).

Sob os efeitos da “lei de ação e reação”, que rege a teoria reencarnacionista de Kardec, a vida sexual em desacordo com a conduta espiritualmente aceita – aquela do sexo prazeroso sim, mas feito com o coração e com responsabilidade – aparece como a causa de processos obsessivos que podem afetar tanto héteros como homossexuais e bissexuais. No entanto, a correlação entre uso desregrado das energias sexuais e homossexualidade aparece com mais frequência por meio da associação entre homossexualidade, e também bissexualidade, e “promiscuidade”.

“No caso da bissexualidade, deparamo-nos com um fenômeno que merece uma análise mais criteriosa. Esse comportamento passou a ser um fenômeno de grande divulgação quando ocorreu a revolução sexual dos anos 1960-70. A música alucinante, as drogas e os comportamentos rebeldes deram curso a experimentações em busca do prazer desvinculado dos sentimentos. Aqueles Espíritos, que estavam reencarnados em corpos jovens, traziam do passado terríveis vícios sexuais, que os induziram a manter relações sexuais promíscuas tanto com pessoas do mesmo sexo quanto com indivíduos do sexo oposto” (Franco, 2015, p. 142).

Por vezes, e de modo sutil, em especial nos romances mediúnicos, são sugeridas às relações homoafetivas que se mantêm silenciosas e na invisibilidade da vida privada. As “provas” a pagar vêm justamente do fato de a sociedade desqualificar a homossexualidade, sujeitando-a à heterossexualidade por meio de uma relação desigual de poder. Guardar-se “no armário”, para usar uma expressão corrente, significa cumprir uma expiação necessária para a sua evolução espiritual – sofrendo pacientemente os preconceitos sociais.

Os dispositivos espíritas da sexualidade e as maneiras de representar e compreender os comportamentos esperados de homens e mulheres não se esgotam, evidentemente, nessas linhas, mas elas não deixam de indicar tendências, características e preocupações centrais e constitutivas desse debate.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo num cenário em que os sistemas de crenças religiosas perderam o lugar de “matriz totalizante”, deixando de ser o centro organizador das relações sociais, não obstante continuam a atuar como importantes mecanismos de construção da subjetividade e de redefinições das identidades sexual e de gênero, agindo de uma só vez de maneira estruturada e estruturante. O lugar fundamental da religião nas relações de dominação é mais bem compreendido se a concebermos como um sistema de poder. Se o gênero é um conjunto complexo e intrincado de relações de dominação construídas historicamente (Rubin, 1975; Scott, 1990; Bourdieu, 2002), a religião não somente se inscreve nessa ordem, como é sua parte integrante, ao

mesmo tempo em que nela encena diversos papéis e ocupa lugares variáveis. Por isso mesmo, as religiões, como sistemas de sentido, têm sido analisadas em sua capacidade de controle dos corpos (Hervieu-Lèger, 1994, p. 11), já que é nos corpos que se constroem os sentidos de gênero que afetam todas as dimensões da vida em sociedade. E o discurso religioso espírita, como quaisquer outros discursos, opera como um instrumento de orientação no mundo, mesmo num contexto de identidades múltiplas e frágeis, típicas de uma sociedade secularizada. Elaborado pelos *virtuoses espíritas*, com seus diferentes estilos e fontes de autoridade, sua meta é a salvação, inculcando um hábito duradouro nos(as) fiéis por meio de uma racionalização do sexo – essa unidade artificial que permite agrupar elementos anatômicos, funções biológicas, conduta, sensações e prazeres –, na medida em que produz e reproduz lugares diferenciados de poder de acordo com o sexo biológico, não sem antes contribuir num papel ativo na (re)produção da desigualdade de gênero e na hierarquização das sexualidades.

Gênero e sexualidade são organizados “em sistemas de poder que recompensam e encorajam alguns indivíduos e atividades ao passo em que punem e suprimem outros” (Rubin,

2003, p. 52). O regime discursivo espírita – que foi aqui apenas rascunhado – opera em conjunto com outros discursos, principalmente o médico e o psicológico, na construção social que regulamenta comportamentos e desejos. Pensar o papel das religiões e, em especial, do espiritismo nesse processo é reconhecer que ainda há um forte *religious appeal* na maneira como os sexos se reconhecem socialmente. Nisso as religiões eticizadas, numa guerra sem fim e sem solução entre Eros e ética (Pierucci, 1998, p. 5), contribuem, por meio de regimes próprios – que no mais das vezes reprimem o gozo pelo gozo –, para a construção social dos corpos e das sexualidades, tanto mais porque as religiões cristãs, incluindo aí o espiritismo, geralmente consideram o sexo como perigoso, considerado culpado até que provem a sua inocência. Talvez seja redimido caso seja performado dentro de padrões, como o casamento monogâmico, assegurado da família, e realizado com o “coração”, sem se desfrutar em demasia dos aspectos prazerosos, esse mesmo padrão que exige e regula o gênero como uma relação binária em que o masculino não apenas se diferencia do feminino, como mantêm uma relação de desigualdade e dominação, diferenciação assegurada por meio da valorização do desejo heterossexual.

BIBLIOGRAFIA

- ARRIBAS, Célia. *Afinal, espiritismo é religião?* São Paulo, Alameda/Fapesp, 2010.
- _____. *No princípio era o verbo. Espíritos e espiritismos na modernidade religiosa brasileira.* Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.
- AUBRÉE, Marion ; LAPLANTINE, François. *La Table, le livre et les esprits.* Paris, Jean Claude Lattes, 1990.
- BARCELOS, Walter. *Homossexualidade, reencarnação e vida mental.* São Paulo, Pierre Paul Didier, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina.* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.
- BRADBURY, Roger. *O homem levanta o mundo, a mulher sustenta o lar.* Dissertação de mestrado. São Bernardo do Campo, Faculdade Metodista de São Paulo, 2015.
- CAVALCANTI, Maria Laura V. de C. *O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo.* Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe.* São Paulo, Boitempo, 2016.
- FRANCO, Divaldo Pereira. *Sexo e consciência.* Salvador, Leal, 2015. Disponível em: [http://bvespirita.com/Sexo%20e%20Consciencia%20\(Divaldo%20Pereira%20Franco\).pdf](http://bvespirita.com/Sexo%20e%20Consciencia%20(Divaldo%20Pereira%20Franco).pdf). Acesso em: 20/10/2018.
- GUIMARÃES, Fernando de Souza. *Corpo e espírito: representações da homossexualidade no espiritismo de duas cidades paulistas.* Dissertação de mestrado. São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2018.
- HERVIEU-LÉGER. *Identité ou égalité? La religion et le conflit des aspirations féministes.* Texto do colóquio "La religion, un frein à l'égalité", Université de Lausanne, 1-3 dez./1994.
- KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos.* São Paulo, Lake, 2001.
- _____. *O Evangelho segundo o espiritismo.* São Paulo, Lake, 2006.
- LEWGOY, Bernardo. *Os espíritos e as letras.* Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.
- _____. "O livro religioso no Brasil recente: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritos e evangélicos", in *Ciências Sociais e Religião*, n. 6. Porto Alegre, outubro/2004.
- MOREIRA, André. *Homossexualidade à luz do espírito imortal.* Belo Horizonte, AME, 2016.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. *O sexo como salvação neste mundo: a erótica weberiana.* Anais. São Paulo, 1998. Disponível em: <http://www.sociologia-usp.br/jornadas/papers/mr05-1.doc>.
- RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres. Notas sobre a 'economia política' do sexo.* Recife, SOS Corpo, 1993.
- _____. "Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade", in *Cadernos Pagu*, n. 21. Campinas, 2003.
- SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil para a análise histórica", in *Educação & Realidade*, vol. 20, n. 2. Porto Alegre, jul./dez. 1995.
- STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à brasileira.* São Paulo, Edusp, 2003.
- XAVIER, Francisco Cândido. *Vida e sexo.* Rio de Janeiro, FEB, 2001.
- _____. *Sexo e destino.* Rio de Janeiro, FEB, 2009.
- _____. *Evolução em dois mundos.* Rio de Janeiro, FEB, 2008.